

A visão da educação numa obra literária

Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa "**Guia de Fontes Literárias para o estudo da História da Educação na Bahia**" que reúne professores e uma bolsista em um trabalho coletivo.

Iniciou-se esse trabalho com a catalogação de autores do século XIX e primeira metade do século XX, que tivessem escrito romances, contos ou crônicas nos quais tratassem de assuntos referentes à educação.

Depois dos autores catalogados, passou-se ao processo de seleção das obras literárias. Muitas vezes, essa seleção se dava através dos títulos que induziam ao assunto educação.

O terceiro passo foi a leitura dinâmica dos romances, identificando partes, trechos ou capítulos que demonstrassem ser de interesse para a pesquisa. Fez-se um fichamento de cada leitura, com pequenos resumos, acrescidos de comentários que futuramente levariam às resenhas.

Para este primeiro artigo, foi escolhido o romance *Cazuza de Viriato Correa*, contista e dramaturgo brasileiro. Trata-se de uma obra memorialista, publicada pela primeira vez em 1938 em que o autor relata a trajetória de um garoto em idade escolar, proveniente do interior e suas experiências enquanto estudante, inicialmente em um pequeno povoado, mais tarde em uma Vila.

Esse romance, por tratar do assunto escola em quase todo o livro, é de interesse especial para a pesquisa. Nele podem-se detectar quatro aspectos ou temas que afloram com mais força:

- 1) Aspectos físicos
- 2) Relação professor/aluno
- 3) Inadequação da rotina escolar à realidade do aluno e a punição
- 4) Currículo e metodologia

Na primeira parte do livro, precisamente no capítulo "**As Calcinhas**", o autor escreve sobre o dia em que foi decidida a ida do personagem principal (Cazuza) para a escola rural. O seu primeiro contato com a escola se deu através de uma festa - Festa da Palmatória -, que ocorria no final do ano letivo. Para o garoto, a primeira impressão foi de que a Escola era um lugar de alegria. No entanto, no decorrer da história, já em um outro capítulo O Primeiro Dia, essa impressão passa a ser desfeita, a começar pela referência que faz aos aspectos físicos.

A escola ficava no fim da rua, num casebre de palha com biqueiras de telha, caiado por fora. Dentro unicamente um grande salão, com casa de maribondo no teto, do chão batido, sem tijolo. De mobili-ário, apenas os bancos, e as mesas estreitas dos alunos, a grande mesa do professor e o quadro-negro arrimado ao cavalete" ... as paredes nuas, cor de barro sem coisa alguma que alegrasse a vista.

... as paredes sem coração, a mobília polida de preto, tudo grave, sombrio e feio, como se a intenção ali fosse entristecer a gente. (P-28).

Os aspectos físicos da escola descritos até aqui não diferem muito dos da nossa realidade educacional, principalmente no que diz respeito às instituições educacionais públicas. Aparecem biqueiras nos tetos, carteiras quebradas, paredes sujas, ou seja, não se encontra nenhum atrativo que sirva como instrumento que desperte interesse, ou até mesmo prazer, em ir à escola.

Outro aspecto importante diz respeito à relação professor x aluno. Os alunos mostravam-se assustados, temerosos.

..olhos baixos, voz assustada e dolorosa, expressão de terror na fisionomia (p.29)

A expressão do professor transparecia frieza e mau humor, como se estivesse insatisfeito com a profissão que escolhera:

...cara amarrada, intratável e feroz....passeava peia sala, de mãos para trás, vigiando-os através de óculos pretos, com ar terrível de quem está com vontade de encontrar um pretexto para castigos.(p.29) Percebe-se claramente, pela descrição, a linha pedagógica tradicional adotada, naquela escola. O professor mantinha-se afastado dos alunos, utilizando-se de uma postura fria e distante meramente fiscalizadora, autoritária.

Infelizmente, as nossas salas de aula estão repletas de profissionais em educação com posturas muitas vezes semelhante à desse professor retratado no romance.

A insatisfação, talvez pela má remuneração, parece estar estampada nos rostos desses profissionais que, por se sentirem frustrados e insatisfeitos, usam os alunos como válvula de escape, no intuito de descarregarem neles suas insatisfações.

Um terceiro ponto relevante diz respeito à **tentativa de adequação** dos alunos do sertão à escola, como descreve o romancista no capítulo: **"Passem todos para o Bolo"**! Os alunos do sertão, na época das enchentes, enfrentam muitos obstáculos para conseguirem ir à escola. No entanto, o professor não se apercebe dessa realidade social de seus alunos e os rotula como desinteressados. Pior ainda, pune com a palmatória os alunos que, apesar das dificuldades, conseguiram chegar à escola. Fica evidenciada, mais uma vez, a enorme frustração desse profissional e o uso inadequado de sua pseudo-autoridade em relação à clientela estudantil.

Dois aspectos ficam evidenciados pelo autor adequação do aluno à escola e a punição. Nos dias

atuais, a primeira situação ainda persiste, principalmente no que diz respeito a alunos de classes populares que freqüentam escolas públicas e são, desde cedo, obrigados a trabalhar para contribuir na renda familiar. Eles, muitas vezes, não conseguem adequar-se ao regime escolar, provocando o comentado e não solucionado fenômeno da evasão escolar.

Quanto à segunda evidência, a punição, foi constatada, desde o início do romance, que essa era física, com uso da palmatória. Percebe-se que, mesmo com o passar dos anos, com as mudanças sócio-históricas, a punição persiste, apenas trocou de roupa, deixando de ser física e passando a ser disciplinadora. através de notas baixas, por exemplo. **A aposta da escrita era feita entre pares de alunos. Cada par copiava um mesmo trecho de prova e vencia o aluno que apresentasse letra mais bonita. O prêmio que se dava era o direito do aluno vencedor ter acesso à palmatória e castigar o aluno perdedor com uma dúzia de bolos. Cabia ao professor ao final da prova julgar qual a letra mais bonita. Nesta prova não houve perdedor, os dois alunos tinham letras parecidas e razoavelmente bonitas, portanto estavam empatados. Apesar disso o professor deu a palmatória aos alunos para que cada um castigasse o outro.**

Cazuza questionou: "-Não posso compreender isso: exclamou. Por **que houve empate? Porque o Doca tem letra boa e eu tenho aletra boa. Então quem tem letra boaapanha?"**(p.52).

Outro fator evidenciado diz respeito à questão dos conteúdos curriculares e à metodologia aplicada na escola.

Os capítulos "A aposta da escrita" e "A Sabatina da **Tabuada**" demonstram que a escrita, a leitura e os cálculos matemáticos, basicamente os das operações fundamentais, eram conteúdos obrigatórios das primeiras séries. Entretanto, eram exigidos apenas nos seus aspectos meramente formais e secundários (beleza da letra, memorização mecânica da tabuada), não se percebendo qualquer preocupação com seus aspectos fundamentais (interpretação da leitura, conteúdo da redação, resolução de problemas matemáticos).

Quanto à metodologia, constatou-se que essa tinha um caráter meramente memorizador e. porque não dizer, reprodutor!

A conclusão a que se chegou, a partir dessas leituras, é que nas escolas relatadas nesse romance, a linha pedagógica adotada era a tradicional, na qual o professor se mantinha afastado dos alunos, era dada a ele uma pseudo-autoridade, já que ele era quem detinha o "**saber**", era o dono da verdade, e os alunos eram considerados tábulas rasas, não se levava em consideração o saber próprio de cada um, trazido de seus "**mundos**" individuais. Essa postura do professor afastado dos alunos, utilizando-se de uma "**autoridade**" para descarregar suas frustrações profissionais, devido ao fato de ser mal remunerado, infelizmente ainda persiste até hoje, em alguns casos e circunstâncias.

A deteriorização da estrutura física, com escolas

desaparelhadas, falta de material, sujas, desprovidas de atrativos para chamar a atenção da clientela, é fator ainda constante. A punição, embora tenha mudado de forma, ou seja, deixado de ser física, passada a ser disciplinadora, persiste, só que mascarada, através de instrumentos de avaliação mal elaborados, com conteúdos totalmente desvinculados dos interesses e necessidades dos alunos, levando-os ao fracasso, o correndo grande quantidade de notas baixas.

Outra questão levantada diz respeito à adequação dos alunos à escola e não o inverso. Deixa-se de lado a realidade dos alunos, contribuindo para que os mesmos desistam da escola, ocorrendo a evasão. É a metodologia memorizadora e reprodutora, através da qual não se procura desenvolver a capacidade criativa e construtiva dos alunos, ainda é percebida na grande maioria das escolas.

O que terá mudado na escola brasileira, sobretudo a pública, desde a experiência de Cazuza até nossos dias⁹

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CORRÊA, Viriato. Cazuza. 2ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1978